

## CULTURA DIGITAL E PROCESSOS ETNOGRÁFICOS

Luís Paulo C. Borges<sup>1</sup>, Nathália M. Bastos<sup>2</sup>, Thainá P. Barros<sup>3</sup>, Riselda Maria de F. Oliveira<sup>4</sup>, Juliana L. de Oliveira<sup>5</sup>

1. Doutorando em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
2. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; \*nathaliabastos03@hotmail.com
3. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
4. Diretora da Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro
5. Mestranda em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Palavras Chave: Etnografia, Cultura Digital, Educação.

### Introdução

Na atualidade estamos vivenciando um contexto de mudanças nos processos tecnológicos que vêm afetando as relações humanas. Essas transformações sociais são cercadas de novas possibilidades de interação devido às interfaces digitais e tecnológicas. Para compreender essa dinâmica relacionou-se cultura ao conceito de virtual, Pierre Lévy (1999, p. 47) afirma que “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. Na arena virtual as produções humanas vêm se encontrando, sendo, ao mesmo tempo, produto e produtora de novas práticas culturais. Esse entendimento se faz necessário já que os artefatos tecnológicos estão presentes no dia a dia de forma mais intensa, multifuncional e ágil. A questão que norteou este estudo foi: Quais são as diferenças/ aproximações entre a etnografia tradicional e a etnografia digital? Este trabalho é resultado dos estudos e debates propostos no Seminário de Pesquisa 2014.2, organizado pela professora Carmen de Mattos, do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/ UERJ). Esta pesquisa é de cunho qualitativo e foi realizada através de estudos teóricos.

### Resultados e Discussão

Para pesquisar e analisar as mudanças comportamentais ocorridas na sociedade através dos avanços tecnológicos e entender como as pessoas estão interagindo com a tecnologia, fez-se uso da abordagem teórico metodológica da etnografia digital. Com base no texto de Malinowski e das reflexões propostas por Bakthin, Clifford (2011) que introduz a questões nodais e representativas sobre a etnografia: escrita etnográfica, olhar etnocêntrico, método de síntese, descrição do campo investigado, alteridade, relação exótico e familiar, concepção de tradução formal e não-formal, ação e rejeição de ideias e teorias no campo. Esta seria a etnografia tradicional? Mas, o que seria tradicional? Entende-se tradicional como um *modus operandi* de compreender a etnografia clássica, ou seja, a etnografia erigida sobre a égide de Malinowski. Em contraposição, partimos da ideia que etnografia digital é um constructo ainda por ser erigido em uma perspectiva virtual. A partir da ideia de cultura, modos de compreensão da etnografia com aproximações e diferenciações foi possível caracterizar etnografia tradicional e etnografia digital. Na etnografia tradicional o pesquisador de campo interage

face-a-face com o sujeito da pesquisa, em tempo real; faz uso da língua nativa no campo sem uso de tradutores; apresenta acentuado poder da observação participante, por meio da utilização de instrumento que passa a ser normativo nas pesquisas etnográficas; apresenta capacidade de abstrações teóricas que dão sustentação aos dados de campo por meio da interação real; cultura no cerne da investigação, por meio de instituições; processo sícrônico nas atividades de pesquisa. A etnografia digital, entendida como alternativas, acontece no âmbito virtual, dessa maneira ocorre uma perspectiva de interação no mundo digital entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa; utiliza a linguagem interativa nas redes sociais; a observação participante acontece através do processo de interação digital; pauta-se em teorias que possam dar sustentação ao campo por meio de interações digitais; a linguagem está no cerne da investigação e das análises e a cultura dos sujeitos além das instituições; os processos são diacrônicos e sícrônicos nas atividades da pesquisa.

### Conclusões

Pode-se observar que diante das críticas e questionamento sobre a etnografia tradicional, das limitações em permanecer por longo período no campo e dos avanços tecnológicos foi possível desenvolver novas formas de pesquisa etnográfica, envolvendo diversos instrumentos para a coleta de dados e diferentes visões em relação ao processo de interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Schensul e LeCompt (2010) citam em seu trabalho que provavelmente em 1978, a partir do pesquisador Pelto, surgiu o primeiro método misto, o que ousamos aqui chamar de etnografia digitais ou etnografia alternativas. No entanto, apesar das diferentes formas em realizar a pesquisa etnográfica, a principal característica desta prevalece a mesma, que é a busca por escrever sobre a cultura de um grupo de pessoas, de forma a fazer com que estes sejam colaboradores da pesquisa.

---

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, J. R. S. (org) **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século**. 4ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos I. da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

SCHENSUL, Jean J.; LECOMPT, Margaret D. **Designing & Conducting Ethnographic Research**. The Ethnographer's Toolkit, book 1. Second Edition, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, p.17-37, 1976.

---

<sup>1</sup> Carmen . L. G. de Mattos. Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orientadora, coordena o núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU) e o grupo de pesquisa Etnografia e Exclusão.